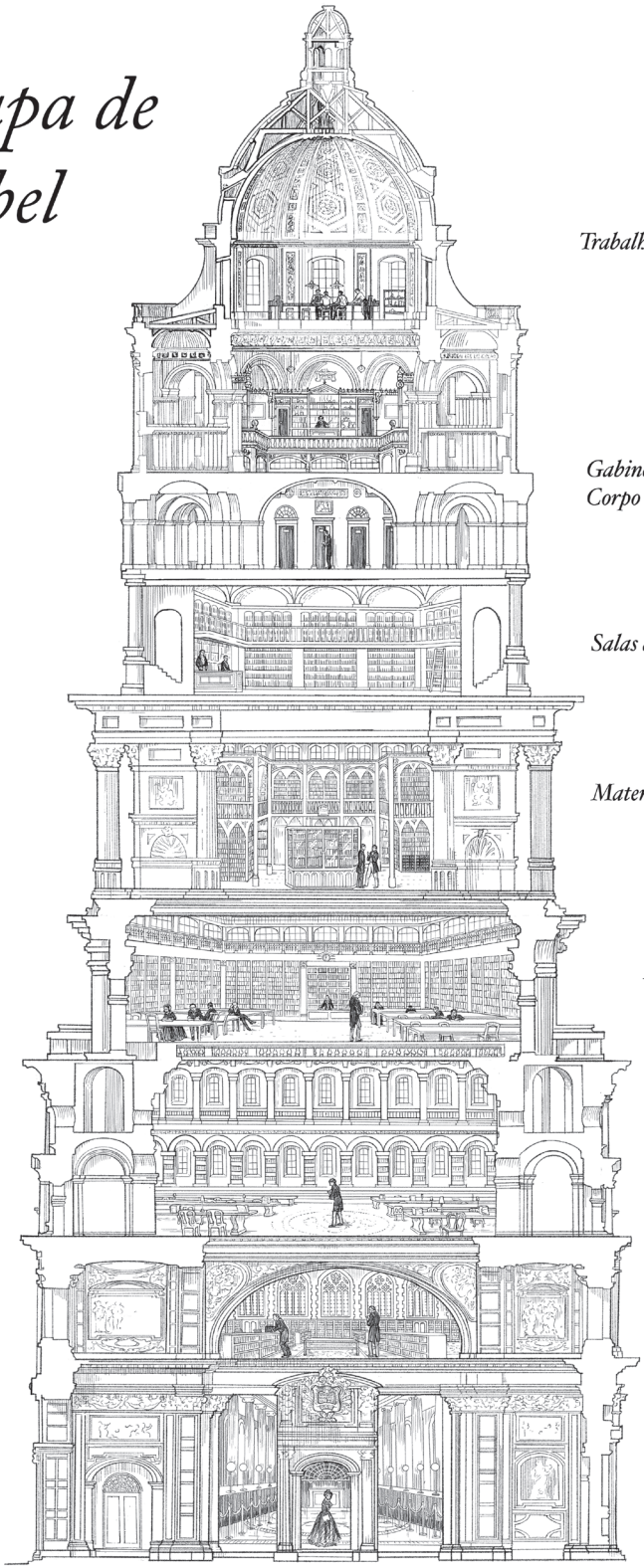
Para Bennett,
que é toda a luz e o riso do mundo.


BROAD STREET
BABEL
BIBLIOTECA
RADCLIFFE
HIGH STREET
KING STREET
CIDADE DE
OXFORD


BIBLIOTECA
BODLEIAN
UNIVERSITY
COLLEGE
MERTON FIELDS

Mapa de Babel



Trabalho em Prata

Gabinetes do Corpo Docente

Salas de Instrução

&

Materiais de Consulta

Literatura

Interpretação

Jurídico

Receção

Nota da Autora
Sobre as Suas Representações de Uma Inglaterra Histórica e da Universidade de Oxford em Particular

O problema de escrever um romance sobre Oxford é que qualquer pessoa que tenha passado algum tempo em Oxford examinará o nosso texto para determinar se a nossa representação de Oxford está de acordo com as suas próprias memórias do local. Será ainda pior se formos um americano a escrever sobre Oxford, pois o que é que os americanos sabem sobre o que quer que seja? Apresento aqui a minha defesa:

Babel é uma obra de ficção especulativa e, portanto, ocorre numa versão fantástica de Oxford na década de 1830, cuja história foi completamente alterada pelo trabalho em prata (mais sobre isso em breve). Ainda assim, tentei permanecer o mais fiel possível ao registo histórico da vida em Oxford no período vitoriano inicial e introduzi falsidades apenas quando estas serviam a narrativa. Para referências sobre a Oxford do início do século XIX, apoiei-me no altamente divertido *The Historical Handbook and Guide to Oxford* (1878), de James J. Moore, bem como nos volumes VI e VII de *The History of the University of Oxford*, editados por M.G. Brock e M.C. Curthoys (1997 e 2000, respetivamente), entre outros.

Em relação à retórica e à textura geral da vida (como a gíria de Oxford do início do século XIX, a qual difere bastante da gíria contemporânea de Oxford)[*] fiz uso de fontes primárias como *A History of the Colleges, Halls, and Public Buildings Attached to the University of Oxford, Including the Lives of the Founders* (1810) de Alex Chalmers, *Recollections of Oxford* (1868) de G.V. Cox, *Reminiscences: Chiefly of Oriel College and the Oxford Movement* (1882) de Thomas Mozley e *Reminiscences of Oxford* (1908) de W. Tuckwell. Como a ficção também nos pode dizer muito sobre a vida tal como era vivida, ou, pelo menos, como era percebida, também incluí pormenores de

[*] Por exemplo, nunca ouvi ninguém referir-se à High Street como «The High» enquanto estive em Oxford, mas G.V. Cox diz-nos o contrário.

romances como *The Adventures of Mr. Verdant Green* (1857), de Cuthbert M. Bede, *Tom Brown at Oxford* (1861) de Thomas Hughes e *The History of Pendennis* (1850) de William Makepeace Thackeray. Para todo o resto, confiei nas minhas memórias e na minha imaginação.

Para aqueles familiarizados com Oxford e, portanto, desejosos de exclamar: «Não, não é assim que as coisas são!», irei agora explicar algumas peculiaridades. A Oxford Union* só foi estabelecida em 1856, portanto, neste romance, é mencionada pelo nome da sua predecessora, a United Debating Society (fundada em 1823). O meu amado café Vaults & Garden só surgiu em 2003, mas passei tanto tempo ali (e comi lá tantos *scones*) que não pude negar os mesmos prazeres a Robin e companhia. O Raiz Retorcida conforme descrito não existe e, tanto quanto sei, não existe nenhum *pub* com esse nome em Oxford. Também não há um Taylor's na Winchester Road, embora eu goste muito dos Taylors na High Street. O Monumento aos Mártires de Oxford existe, mas só foi concluído em 1843, três anos após a conclusão deste romance. Adiantei um pouco a data da sua construção, apenas pelo prazer de uma referência engraçada. A coroação da rainha Vitória aconteceu em junho de 1838 e não em 1839. A linha ferroviária entre Oxford e Paddington só foi construída em 1844, mas aqui foi construída vários anos antes por dois motivos: primeiro, porque faz sentido dada a história alterada; e, segundo, porque eu precisava de levar as minhas personagens até Londres um pouco mais depressa.

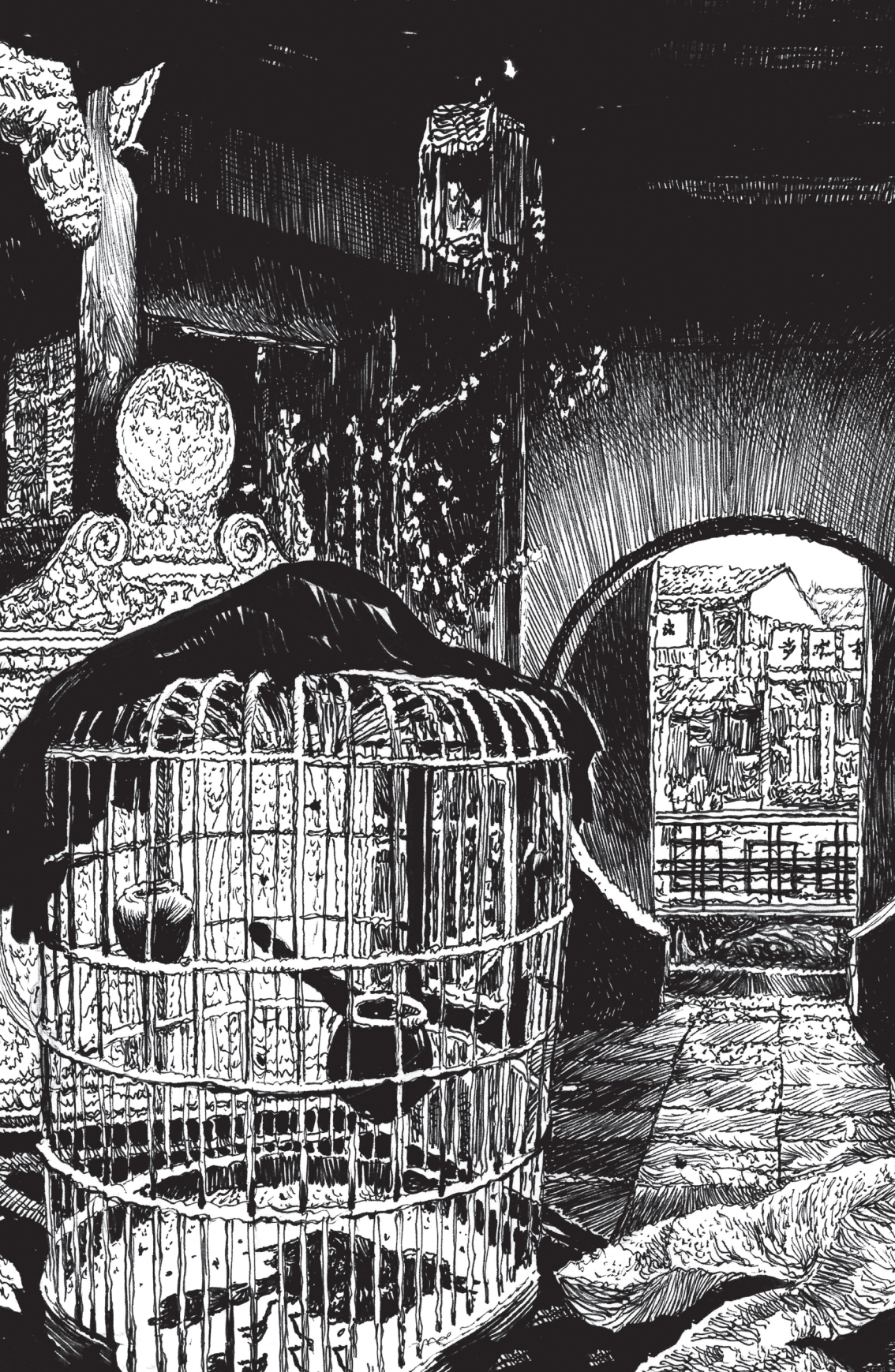
Tomei muitas liberdades artísticas com o baile de comemoração, que se parece muito mais com um contemporâneo Baile de Maio/de Comemoração de Oxbridge do que com qualquer tipo de evento social do início da era vitoriana. Por exemplo, estou ciente de que as ostras eram um alimento básico dos pobres do início da era vitoriana, mas escolhi torná-las uma iguaria porque essa foi a minha primeira impressão do Baile de Maio de 2019 no Magdalen College, em Cambridge — montes e montes de ostras em gelo (eu não tinha trazido mala e tive de fazer malabarismos com o meu telefone, a taça de champanhe e as ostras

* A Oxford Union Society, designada habitualmente apenas por Oxford Union, é uma sociedade de debates na cidade de Oxford, Inglaterra, cujos membros pertencem na sua maioria à Universidade de Oxford. (*N. da T.*)

numa das mãos e, em resultado, deitei champanhe por cima dos belos sapatos de cerimónia de um senhor idoso).

Alguns podem ficar confusos com a localização exata do Real Instituto de Tradução, também conhecido como Babel. Isso deve-se a eu ter distorcido a geografia para abrir espaço para ele. Imaginem um relvado entre as Bibliotecas Bodleian, o Sheldonian e a Câmara Radcliffe. Agora aumentem-no imenso e coloquem Babel mesmo no centro.

Se encontrarem quaisquer outras inconsistências, sugiro que se recordem de que esta é uma obra de ficção.




LIVRO
I

Capítulo Um

Que siempre la lengua fue compañera del imperio; y de tal manera lo siguió, que juntamente començaron, crecieron y florecieron, y después junta fue la caída de entrambos.

A linguagem foi sempre a companheira do império e, de tal modo o seguiu, que juntos começaram, cresceram e floresceram. E depois, também juntos, caíram.

ANTONIO DE NEBRIJA,
Gramática de la lengua castellana

Quando o Professor Richard Lovell encontrou o caminho pelas vielas estreitas de Cantão até à morada desbotada no seu diário, o rapaz era o único sobrevivente na casa.

O ar era fétido, o chão escorregadio. Havia um jarro de água cheio, intocado, ao lado da cama. A princípio, o rapaz tivera demasiado medo de vomitar para beber; agora, estava demasiado fraco para erguer o jarro. Ainda estava consciente, embora tivesse mergulhado numa névoa entorpecente e quase sonhadora. Ele sabia que iria em breve cair num sono profundo e não voltaria a acordar. Fora isso que acontecera aos seus avós há uma semana, depois às suas tias um dia mais tarde e a *Miss* Betty, a inglesa, um dia depois disso.

A sua mãe tinha morrido naquela manhã. Ele ficara deitado ao lado do seu corpo, observando os azuis e os roxos aprofundarem-se na sua pele. A última coisa que ela lhe dissera fora o seu nome, duas sílabas pronunciadas sem fôlego. Depois, o rosto dela relaxara e perdera a simetria. A língua pendera-lhe para fora da boca. O rapaz tentou fechar-lhe os olhos transparentes, mas as pálpebras abriam-se continuamente.

Ninguém respondeu quando o Professor Lovell bateu. Ninguém exclamou de surpresa quando ele arrombou a porta da frente — trancada, porque os ladrões da peste andavam a esvaziar as casas do bairro e, embora

houvesse poucas coisas de valor em sua casa, o rapaz e a mãe queriam algumas horas de paz antes que a doença os levasse também. Lá em cima, o rapaz ouviu toda a comoção, mas não se conseguiu importar.

A essa altura, só queria morrer.

O Professor Lovell subiu as escadas, atravessou o quarto e ficou de pé ao lado do rapaz durante um longo momento. Não notou, ou preferiu não notar, a mulher morta na cama. O rapaz jazia imóvel na sua sombra, perguntando-se se aquela figura alta e pálida vestida de preto viera buscar a sua alma.

— Como te sentes? — perguntou o Professor Lovell.

A respiração do rapaz era demasiado esforçada para ele responder.

O Professor Lovell ajoelhou-se ao lado da cama. Retirou uma barra de prata estreita do bolso da frente e colocou-a sobre o peito nu do rapaz. O rapaz encolheu-se; o metal queimava como gelo.

— *Triacle* — disse o Professor Lovell, em francês primeiro. E, depois, em inglês: — Melaço.

A barra brilhou num tom de branco-pálido. Um som fantasmagórico surgiu vindo do nada; um tinido, um canto. O rapaz gemeu e enrolou-se de lado, movendo a língua de modo confuso em redor da boca.

— Aguenta — murmurou o Professor Lovell. — Engole o que sentires.

Passaram-se segundos. A respiração do rapaz estabilizou. Ele abriu os olhos. Via o Professor Lovell com mais clareza agora, conseguia distinguir os olhos cinzento-ardósia e o nariz curvo — *yīnggōubí*, era como lhe chamavam, um nariz bico de falcão — que só poderia pertencer ao rosto de um estrangeiro.

— Como te sentes agora? — perguntou o Professor Lovell.

O rapaz respirou fundo outra vez. E depois, num inglês surpreendentemente bom, disse:

— É doce. Tem um gosto tão doce…

— Ótimo. Isso significa que funcionou. — O Professor Lovell guardou a barra no bolso. — Há mais alguém vivo aqui?

— Não — sussurrou o rapaz. — Apenas eu.

— Existe alguma coisa que não possas deixar para trás?

O rapaz ficou em silêncio por um instante. Uma mosca pousou na face da sua mãe e moveu-se sobre o seu nariz. Ele queria afastá-la, mas não tinha forças para levantar a mão.

— Não posso levar um corpo — disse o Professor Lovell. — Não para onde vamos.

O rapaz olhou para a mãe por um longo momento.

— Os meus livros — disse, por fim. — Debaixo da cama.

O Professor Lovell curvou-se para espreitar debaixo da cama e tirou quatro volumes grossos. Livros escritos em inglês com as lombadas gastas pelo uso. Algumas páginas estavam tão gastas que a impressão mal era legível. O professor folheou-os, sorrindo de modo involuntário, e colocou-os no seu saco. Então, enfiou os braços debaixo do corpo magro do rapaz e levou-o para fora da casa.

Em 1829, a praga, que ficou mais tarde conhecida pelo nome de cólera-asiática, partiu de Calcutá e atravessou a Baía de Bengala até ao Extremo Oriente — primeiro para o Sião, depois para Manila e, finalmente, chegou às costas da China em navios mercantes cujos marinheiros desidratados e de olhos encovados despejavam os seus dejetos no Rio das Pérolas, contaminando as águas onde milhares bebiam, lavavam a roupa, nadavam e tomavam banho. Atingiu Cantão como um maremoto, abrindo rapidamente caminho desde as docas até às áreas residenciais do interior. O bairro do rapaz sucumbira em semanas, com famílias inteiras a perecer desamparadas nas suas casas. Quando o Professor Lovell levou o rapaz para fora dos becos de Cantão, todos na sua rua já estavam mortos.

O rapaz descobriu tudo aquilo quando acordou num quarto limpo e bem iluminado da Fábrica Inglesa, envolto em cobertores mais macios e brancos do que qualquer coisa que ele já tivesse tocado. Estes reduziam apenas ligeiramente o seu desconforto. Ele sentia-se terrivelmente quente e a sua língua parecia uma pedra densa e arenosa na sua boca. Sentia-se como se estivesse a flutuar muito acima do seu corpo. De cada vez que o professor falava, dores agudas atravessavam-lhe as têmporas acompanhadas por lampejos de vermelho.

— Tens muita sorte — disse o Professor Lovell. — Esta doença mata quase tudo aquilo em que toca.

O rapaz ficou imóvel a olhar, fascinado pelo rosto comprido e os olhos cinzento-claros deste estrangeiro. Se deixasse o seu olhar desfocar-se,

o estrangeiro transformava-se num pássaro gigante. Um corvo. Não, uma ave de rapina. Algo cruel e forte.

— Consegues perceber o que estou a dizer?

O rapaz humedeceu os lábios ressequidos e emitiu uma resposta.

O Professor Lovell abanou a cabeça.

— Inglês. Usa o teu inglês.

A garganta do rapaz ardia. Ele tossiu.

— Eu sei que falas inglês. — A voz do Professor Lovell soava como um aviso. — Usa-o.

— A minha mãe — sussurrou o rapaz. — O senhor esqueceu a minha mãe.

O Professor Lovell não respondeu. Prontamente, levantou-se e sacudiu o pó dos joelhos antes de sair, embora o rapaz não conseguisse perceber como é que algum pó se poderia ter acumulado nos poucos minutos em que ele estivera sentado.

Na manhã seguinte, o rapaz conseguiu terminar uma tigela de caldo sem vomitar. Na manhã depois dessa, conseguiu ficar de pé sem demasiadas vertigens, embora os seus joelhos tremessem tanto por falta de uso que teve de se agarrar à estrutura da cama para não cair. A febre baixou; o seu apetite melhorou. Quando acordou novamente, naquela tarde, descobriu que a tigela fora substituída por um prato com duas grossas fatias de pão e um pedaço de carne assada. Ele devorou-os com as mãos, faminto.

Passou a maior parte do dia num sono sem sonhos, que era regularmente interrompido pela chegada de uma certa Sra. Piper — uma mulher alegre e redonda que lhe sacudia os travesseiros, enxugava a testa com panos húmidos deliciosamente frescos e falava inglês com um sotaque tão peculiar que o rapaz tinha sempre de lhe pedir várias vezes para repetir.

— Pela minha honra — riu-se ela na primeira vez que ele o fez. — Nunca deves ter conhecido um escocês.

— Um… escocês? O que é um escocês?

— Não te preocupes com isso. — Ela deu-lhe uma palmadinha na face. — Vais aprender a configuração da Grã-Bretanha em breve.

Naquela noite, a Sra. Piper trouxe-lhe o jantar — pão e carne de novo — juntamente com a notícia de que o professor queria vê-lo no seu escritório.

— É no piso de cima. A segunda porta à direita. Acaba de comer primeiro; ele não se vai embora.

O rapaz comeu rapidamente e, com a ajuda da Sra. Piper, vestiu-se. Não sabia de onde a roupa tinha vindo — era de estilo ocidental e ajustava-se surpreendentemente bem no seu corpo baixo e magro —, mas estava demasiado cansado para perguntar.

Tremia enquanto subia as escadas, mas se de cansaço ou agitação não sabia. A porta do escritório do professor estava fechada. Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego e depois bateu.

— Entre — disse o professor.

A porta era muito pesada. O rapaz teve de se encostar com força contra a madeira para a abrir. Lá dentro, foi dominado pelo cheiro almiscarado e a tinta dos livros. Havia pilhas e pilhas deles; alguns estavam bem organizados em prateleiras, enquanto outros estavam amontoados de modo desordenado em pirâmides precárias por toda a sala; alguns estavam espalhados pelo chão, enquanto outros oscilavam em mesas que pareciam dispostas aleatoriamente dentro do labirinto mal iluminado.

— Aqui. — O professor estava quase escondido atrás das estantes. O rapaz percorreu hesitantemente a sala, com medo de que o mais pequeno movimento mal calculado pudesse derrubar as pirâmides.

— Não sejas tímido. — O professor estava sentado atrás de uma grande secretária coberta com livros, papéis soltos e envelopes. Gesticulou para o rapaz se sentar à sua frente. — Deixaram-te ler muito aqui? O inglês não foi um problema?

— Li um pouco. — O rapaz sentou-se cautelosamente, tomando cuidado para não pisar os volumes (as notas de viagem de Richard Hakluyt, notou ele) acumulados aos seus pés. — Não tínhamos muitos livros. Acabei por reler o que tínhamos.

Para alguém que nunca tinha saído de Cantão na vida, o inglês do rapaz era notavelmente bom. Ele falava com apenas um vestígio de sotaque. Tal devia-se a uma inglesa — uma certa *Miss* Elizabeth Slate, a

quem o rapaz chamava *Miss* Betty, e que vivia com a sua família desde que ele se conseguia lembrar. Ele nunca compreendera muito bem o que ela fazia ali — a sua família claramente não era rica o suficiente para ter criados, especialmente uma estrangeira —, mas alguém lhe devia pagar um salário porque ela nunca se foi embora, nem sequer quando a peste chegou. O seu cantonês era razoavelmente bom, decente o suficiente para ela se movimentar pela cidade sem problemas, mas com o rapaz ela falava exclusivamente em inglês. O seu único dever parecia ser cuidar dele e foi a conversar com ela e, mais tarde, com marinheiros ingleses nas docas, que o rapaz se tornou fluente.

Ele conseguia ler a língua melhor do que falava. Desde que completara quatro anos, o rapaz recebia um grande embrulho cheio de livros escritos em inglês duas vezes por ano. O endereço do remetente era uma residência em Hampstead, nos arredores de Londres — um lugar com o qual *Miss* Betty não parecia estar familiarizada e sobre o qual o rapaz, é claro, nada sabia. Independentemente disso, ele e *Miss* Betty costumavam sentar-se juntos à luz de velas, traçando laboriosamente os dedos sobre cada palavra enquanto as pronunciavam em voz alta. Quando cresceu, ele passava tardes inteiras sozinho debruçado sobre as páginas gastas. Mas uma dúzia de livros mal dava para seis meses; ele lia sempre cada um tantas vezes que quando a remessa seguinte chegava já quase os tinha memorizado.

Ele percebia agora, sem entender bem o quadro geral, que aqueles embrulhos deviam ter vindo do professor.

— Eu gosto muito de ler — acrescentou ele debilmente. E, depois, pensando que devia dizer um pouco mais: — E não, o inglês não era um problema.

— Muito bem. — O Professor Lovell pegou num volume da prateleira atrás de si e fê-lo deslizar sobre a mesa. — Suponho que não tenhas visto este antes.

O rapaz olhou para o título. *Riqueza das Nações*, de Adam Smith. Abanou a cabeça.

— Lamento, mas não.

— Tudo bem. — O professor abriu o livro numa página no meio e apontou: — Lê em voz alta para mim. Começa aqui.

O rapaz engoliu em seco, tossiu para limpar a garganta e começou a ler. O livro era assustadoramente grosso, a letra muito pequena e a prosa provou ser consideravelmente mais difícil do que os romances de aventura que ele lera com *Miss* Betty. A sua língua tropeçou em palavras que não conhecia, palavras que apenas podia adivinhar e pronunciar.

— A va-vantagem par… particular que cada país col-o-colonizador obtém das col… colónias que lhe pertencem par… particularmente apresenta dois tipos diferentes; primeiro, aquelas vantagens habituais que todo o império de… riva? — Ele pigarreou. — Deriva… das províncias sujeitas ao seu dom… dom…*

— Já chega.

Ele não fazia ideia do que acabara de ler.

— Senhor, o que é que…

— Não, está tudo bem — disse o professor. — Não espero que compreendas economia internacional. Saíste-te muito bem. — Ele colocou o livro de lado, enfiou a mão na gaveta da secretária e tirou uma barra de prata. — Lembras-te disto?

O rapaz fitou-a, de olhos arregalados, demasiado apreensivo até para lhe tocar.

Já tinha visto barras assim antes. Eram raras em Cantão, mas eram conhecidas de todos. *Yínfúlù*, talismãs de prata. Ele vira-os embutidos nas proas dos navios, esculpidos nas laterais dos palanquins e instalados sobre as portas dos armazéns no bairro estrangeiro. Nunca descobrira exatamente o que eram e ninguém em sua casa sabia explicá-lo. A avó chamava-lhes feitiços de homens ricos, amuletos de metal que continham as bênçãos dos deuses. A mãe achava que continham demónios aprisionados que podiam ser convocados para cumprir as ordens dos seus mestres. Até *Miss* Betty, que declarava bem alto o seu desdém pelas

* No Livro IV, Capítulo VII de *Riqueza das Nações*, Adam Smith argumenta contra o colonialismo alegando que a defesa das colónias esgota os recursos e que os ganhos económicos do comércio colonial monopolista são uma ilusão. Ele escreve: «A Grã-Bretanha não obtém nada além de perdas do domínio que assume sobre as suas colónias.» Essa visão não era amplamente partilhada na época.

superstições chinesas indígenas e criticava constantemente o facto de a mãe dele dar atenção a fantasmas famintos, achava-as enervantes.

— São feitiçaria — disse ela quando ele lhe perguntou. — São uma obra do diabo, é o que são.

Assim, o rapaz não sabia o que pensar desse *yínfúlù*, exceto que fora uma barra igual a esta que lhe tinha salvado a vida há alguns dias.

— Vá. — O Professor Lovell estendeu-lha. — Observa-a. Ela não morde.

O rapaz hesitou e depois pegou-lhe com ambas as mãos. A barra era muito lisa e fria ao toque, mas, tirando isso, parecia bastante comum. Se havia algum demónio preso ali dentro, ele escondia-se bem.

— Consegues ler o que diz?

O rapaz olhou com mais atenção e notou que havia realmente algo escrito ali, pequenas palavras gravadas cuidadosamente de cada lado da barra: letras inglesas de um lado, caracteres chineses do outro.

— Sim.

— Di-los em voz alta. O chinês primeiro e depois o inglês. Fala com bastante clareza.

O rapaz reconheceu os caracteres chineses, embora a caligrafia parecesse um tanto estranha, como se tivesse sido desenhada por alguém que os tivesse visto e copiado, radical a radical, sem saber o que significavam. Diziam: 囫囵吞枣.

— *Húlún tūn zǎo* — leu ele devagar, tomando cuidado para enunciar cada sílaba. Mudou para o inglês. — Aceitar sem pensar.

A barra começou a zumbir.

De imediato, a língua inchou-lhe, obstruindo as suas vias respiratórias. O rapaz agarrou-se, sufocado, à garganta. A barra caiu-lhe no colo, onde vibrou loucamente, dançando como se estivesse possuída. Um sabor enjoativamente doce encheu-lhe a boca. *Como tâmaras*, pensou o rapaz debilmente, vendo as bordas da sua visão escurecerem. Tâmaras fortes e doces, tão maduras que eram repugnantes. Ele estava a afogar-se nelas. Sentia a garganta totalmente bloqueada, não conseguia respirar…

— Pronto. — O Professor Lovell inclinou-se e tirou-lhe a barra do colo.

A sensação de asfixia desapareceu. O rapaz debruçou-se sobre a secretária, respirando fundo.

— Interessante — disse o Professor Lovell. — Nunca soube que tivesse um efeito tão forte. Qual é o sabor na tua boca?

— *Hóngzǎo*. — Lágrimas escorriam pelo rosto do rapaz. Apressadamente, ele mudou para o inglês. — Tâmaras.

— Isso é bom. É muito bom. — O Professor Lovell observou-o por um longo momento e depois atirou a barra de volta para a gaveta. — Excelente, de facto.

O rapaz enxugou as lágrimas dos olhos, fungando. O Professor Lovell recostou-se, esperando que o rapaz se recuperasse um pouco antes de continuar.

— Daqui a dois dias, a Sra. Piper e eu partiremos deste país para uma cidade chamada Londres num país chamado Inglaterra. Tenho a certeza de que já ouviste falar de ambos.

O rapaz fez um aceno incerto. Londres existia para ele da mesma forma que Lilliput: era um lugar distante, imaginário e fantasioso onde ninguém se parecia, vestia ou falava remotamente como ele.

— Proponho levar-te connosco. Viverás na minha casa e dar-te-ei alojamento e alimentação até teres idade suficiente para ganhares a tua vida. Em troca, estudarás matérias de acordo com um currículo elaborado por mim. Serão estudos de idiomas: latim, grego e, claro, mandarim. Desfrutarás de uma vida fácil e confortável e da melhor educação que se pode pagar. Tudo o que espero em troca é que te dediques diligentemente aos teus estudos.

O Professor Lovell juntou as mãos como se estivesse a rezar. O rapaz achou o seu tom confuso. Era totalmente indiferente e desapaixonado. Ele não conseguia perceber se o Professor Lovell o *queria* em Londres ou não; na verdade, aquilo parecia menos uma adoção e mais uma proposta comercial.

— Peço-te que consideres bem esta proposta — continuou o Professor Lovell. — A tua mãe e os teus avós estão mortos, o teu pai é desconhecido e não tens mais família. Se ficares aqui não terás um centavo em teu nome. Tudo o que conhecerás será pobreza, doença e fome. Encontrarás trabalho nas docas se tiveres sorte, mas ainda és pequeno, portanto, passarás alguns anos a mendigar ou a roubar. Presumindo que atinges a idade adulta, o melhor que podes esperar é um trabalho árduo nos navios.

O rapaz deu por si a olhar, fascinado, para o rosto do Professor Lovell enquanto ele falava. Não era como se nunca tivesse visto um inglês antes. Tinha conhecido muitos marinheiros nas docas, tinha visto toda a gama de rostos dos homens brancos, desde os largos e corados até aos doentes e com manchas e aos compridos, pálidos e severos. Mas o rosto do professor apresentava um quebra-cabeças totalmente diferente. Tinha todos os componentes de um rosto humano padrão — olhos, lábios, nariz, dentes, todos saudáveis e normais. A sua voz era baixa, um tanto monótona, mas, ainda assim, uma voz humana. Contudo, quando falava, o seu tom e expressão eram totalmente desprovidos de emoção. Era uma lousa em branco. O rapaz não conseguia adivinhar os seus sentimentos. Enquanto descrevia a morte prematura e inevitável do rapaz, o professor poderia estar a enumerar os ingredientes de um guisado.

— Porquê? — perguntou o rapaz.

— Porquê o quê?

— Porque é que o senhor me quer?

O professor acenou com a cabeça para a gaveta que continha a barra de prata.

— Porque consegues fazer *aquilo*.

Só então o rapaz percebeu que aquilo fora um teste.

— Estes são os termos da minha tutela. — O Professor Lovell fez deslizar um documento de duas páginas sobre a mesa. O rapaz olhou para baixo e depois desistiu de tentar ler; a caligrafia apertada e cheia de floreados parecia quase ilegível. — São bastante simples, mas peço-te que leias tudo antes de assinares. Fazes isso hoje à noite antes de ires para a cama?

O rapaz estava demasiado abalado para fazer o que quer que fosse a não ser acenar com a cabeça.

— Muito bem — disse o Professor Lovell. — Mais uma coisa. Ocorre-me que precisas de um nome.

— Eu tenho um nome — disse o rapaz. — É…

— Não, esse não serve. Nenhum inglês consegue pronunciar isso. *Miss* Slate não te deu um nome?

Ela tinha dado, de facto. Quando o rapaz completara quatro anos, ela insistira para que ele adotasse um nome pelo qual os ingleses o pudessem levar a sério, embora nunca tivesse explicado que ingleses seriam esses.

Tinham escolhido algo ao acaso de um livro de rimas para crianças e o rapaz gostara do modo como as sílabas pareciam firmes e redondas na sua língua, portanto, não se queixou. Mas mais ninguém na casa o usara e, em breve, também *Miss* Betty deixou de o usar. O rapaz teve de pensar muito antes de se lembrar.

— Robin.*

O Professor Lovell ficou em silêncio por um instante. A sua expressão confundiu o rapaz — tinha as sobrancelhas franzidas, como se estivesse furioso, mas um lado da sua boca estava curvado para cima, como se estivesse encantado.

— E um apelido?

— Eu tenho um apelido.

— Um que sirva em Londres. Escolhe o que quiseres.

O rapaz pestanejou para ele.

— Escolher… um apelido?

Os nomes de família não eram coisas que fossem descartadas e substituídas por capricho, pensou ele. Marcavam a linhagem; marcavam a pertença.

— Os ingleses reinventam os seus nomes o tempo todo — disse o Professor Lovell. — As únicas famílias que os mantêm fazem-no porque possuem títulos e tu não tens certamente nenhum. Só precisas de um identificador pelo qual te apresentares. Qualquer nome serve.

— Então, posso ficar com o seu? Lovell?

— Oh, não — disse o Professor Lovell. — Vão pensar que sou o teu pai.

— Oh, claro. — Os olhos do rapaz percorreram desesperadamente a sala, procurando uma palavra ou som ao qual se agarrar. Pousaram num volume familiar na prateleira por cima da cabeça do Professor Lovell, *As Viagens de Gulliver*. Um estranho numa terra estranha, que teve de aprender os idiomas locais para não morrer. Ele pensou que percebia agora como Gulliver se sentira.

— Swift? — sugeriu. — A menos que…

---

* *Eu matei o Galo Robin.*
Quem o viu morrer?
[Antiga canção de embalar inglesa. (*N. da T.*)]

Para sua surpresa, o Professor Lovell riu-se. O riso soava estranho naquela boca severa; parecia demasiado abrupto, quase cruel, e o rapaz não pôde deixar de se encolher.

— Muito bem. Robin Swift serás. Senhor Swift, prazer em conhecê-lo.

Ele levantou-se e estendeu a mão sobre a mesa. O rapaz tinha visto marinheiros estrangeiros a cumprimentarem-se nas docas, portanto, sabia o que fazer. Acolheu aquela mão grande, seca e desconfortavelmente fria na sua. Cumprimentaram-se.

Dois dias depois, o Professor Lovell, a Sra. Piper e o recém-batizado Robin Swift partiram para Londres. A essa altura, graças às muitas horas de repouso na cama e a uma dieta constante de leite quente e à comida abundante da Sra. Piper, Robin estava bem o suficiente para andar sozinho. Carregou um baú cheio de livros pela prancha acima, esforçando-se para acompanhar o ritmo do professor.

O porto de Cantão, a porta a partir da qual a China encontrava o mundo, era um universo de línguas. Sons altos e rápidos em português, francês, neerlandês, sueco, dinamarquês, inglês e chinês flutuavam no ar salgado, misturando-se num pidgin* implausivelmente inteligível que quase todos entendiam, mas poucos conseguiam falar com facilidade. Robin conhecia-o bem. Obtivera a sua primeira instrução em línguas estrangeiras correndo pelo cais; traduzia frequentemente para os marinheiros em troca de uma moeda e um sorriso. Nunca imaginara que poderia seguir os fragmentos linguísticos desse pidgin de volta à sua fonte.

Eles percorreram o cais para se juntarem à fila de embarque do *Condessa de Harcourt*, um dos navios da Companhia das Índias Orientais que transportavam um pequeno número de passageiros comerciais em cada viagem. O mar estava barulhento e agitado naquele dia. Robin tremia enquanto as rajadas geladas do vento costeiro lhe atravessavam violentamente o casaco. Desejava desesperadamente estar no navio, dentro de uma cabina ou em qualquer sítio com paredes, mas algo estava a reter a fila de embarque. O Professor Lovell deu um passo para o lado para espreitar. Robin seguiu-o. No topo da prancha, um tripulante estava a repreender um passageiro; as suas vogais inglesas cortantes perfuravam o frio da manhã.

* Idioma simplificado composto por elementos de duas ou mais línguas. (*N. da T.*)

— Não consegues perceber o que estou a dizer? *Ni hau*? *Lei ho*? Nada?

O alvo da sua ira era um trabalhador chinês, curvado pelo peso da mochila que trazia pendurada ao ombro. Se o trabalhador proferiu uma resposta, Robin não o conseguiu ouvir.

— Não consegue entender uma palavra do que estou a dizer — queixou-se o tripulante. Ele virou-se para a multidão. — Alguém pode dizer a este tipo que não pode subir a bordo?

— Oh, pobre homem. — A Sra. Piper tocou no braço do Professor Lovell. — O senhor pode traduzir?

— Não falo o dialeto cantonês — disse o Professor Lovell. — Robin, vai lá.

Robin hesitou, subitamente assustado.

— *Vai*. — O Professor Lovell empurrou-o prancha acima.

Robin avançou, tropeçando, para o meio da discussão. Tanto o tripulante como o trabalhador viraram-se para olhar para ele. O tripulante apenas pareceu irritado, mas o trabalhador ficou aliviado — pareceu reconhecer imediatamente no rosto de Robin um aliado, o único outro chinês à vista.

— Qual é o problema? — perguntou-lhe Robin em cantonês.

— Ele não me quer deixar embarcar — disse o trabalhador de modo urgente. — Mas eu tenho um contrato com este navio até Londres, olha, está escrito aqui mesmo.

Ele meteu uma folha de papel dobrada nas mãos de Robin.

Robin abriu-a. O papel estava escrito em inglês e, de facto, parecia um contrato para um lascarim — um certificado de pagamento pela duração de uma viagem de Cantão a Londres, para ser específico. Robin já tinha visto tais contratos antes; estes tinham-se tornado cada vez mais comuns nos últimos anos, à medida que a procura por criados chineses contratados crescia em simultâneo com as dificuldades com o comércio de escravos do outro lado do mundo. Este não era o primeiro contrato que ele traduzia; já tinha visto ordens de serviço para trabalhadores chineses que embarcavam para destinos tão distantes como Portugal, Índia e Índias Ocidentais.

Tudo parecia estar em ordem para Robin.

— Então, qual é o problema?

— O que é que ele te está a dizer? — perguntou o tripulante. — Diz-lhe que o contrato não é válido. Não posso ter chineses neste navio. O último navio em que naveguei que transportava um chinês ficou imundo com piolhos. Não vou correr riscos com pessoas que não se conseguem lavar. Nem sequer conseguia entender a palavra *banho* se eu lha gritasse, este aqui. Ei? Rapaz? Percebes o que estou a dizer?

— Sim, sim. — Robin voltou rapidamente para o inglês. — Sim, só estou… Dê-me um instante, só estou a tentar…

Mas o que é que ele devia dizer?

O trabalhador, sem compreender, lançou a Robin um olhar suplicante. O seu rosto era enrugado e estava queimado do Sol, coriáceo, de uma forma que o fazia parecer ter sessenta anos, embora apenas tivesse, provavelmente, pouco mais de trinta. Todos os lascarins envelheciam rapidamente; o trabalho destruía os seus corpos. Robin já vira aquele rosto milhares de vezes nas docas. Alguns atiravam-lhe doces; alguns conheciam-no bem o suficiente para o cumprimentarem pelo nome. Ele associava aquele rosto ao seu próprio povo. Mas nunca tinha visto um dos seus anciãos voltar-se para ele com tamanha impotência.

A culpa retorceu-lhe as entranhas. As palavras juntavam-se na sua língua, palavras cruéis e terríveis, mas ele não conseguia transformá-las numa frase.

— Robin. — O Professor Lovell apareceu ao seu lado, segurando-lhe o ombro com tanta força que doeu. — Traduz, por favor.

Tudo dependia dele, percebeu Robin. A escolha era sua. Só ele podia determinar a verdade, porque só ele a podia comunicar a todas as partes.

Mas o que é que ele poderia dizer? Via a irritação latejante do tripulante. Via a impaciência sussurrante dos outros passageiros na fila. Estavam cansados, com frio e não percebiam porque é que ainda não tinham embarcado. Sentiu o polegar do Professor Lovell a cavar um sulco na sua clavícula e ocorreu-lhe um pensamento — um pensamento tão assustador que fez os seus joelhos tremerem — e esse pensamento dizia que se apresentasse demasiados problemas, se criasse confusão, então o *Condessa de Harcourt* podia simplesmente deixá-lo também para trás, em terra.

— O seu contrato não é válido aqui — murmurou ele para o trabalhador. — Tente o próximo navio.

O trabalhador ficou boquiaberto, incrédulo.

— Tu leste? Diz Londres, diz Companhia das Índias Orientais, diz *este* navio, o *Condessa*…

Robin abanou a cabeça.

— Não é válido — disse ele e depois repetiu a frase, como se isso a pudesse tornar verdadeira. — Não é válido, tem de tentar o próximo navio.

— Qual é o problema com o contrato? — perguntou o trabalhador.

Robin tinha dificuldade em forçar as palavras a saírem.

— Apenas, não é válido.

O trabalhador ficou boquiaberto a olhar para ele. Mil emoções passaram por aquele rosto envelhecido — indignação, frustração e, finalmente, resignação. Robin receara que o trabalhador pudesse discutir, lutar, mas depressa se tornou claro que esse tipo de tratamento não era novidade para aquele homem. Isto já tinha acontecido antes. O trabalhador virou-se e desceu a prancha de embarque, empurrando os passageiros para o lado enquanto o fazia. Em poucos instantes desapareceu de vista.

Robin sentiu-se muito tonto. Escapou descendo novamente a prancha para se juntar à Sra. Piper.

— Estou com frio.

— Oh, estás a tremer, coitadinho. — Ela aproximou-se imediatamente dele como uma mãe galinha, envolvendo-o com o seu xale. Disse uma palavra ríspida para o Professor Lovell. Ele suspirou e assentiu; depois, apressaram-se a chegar à frente da fila, de onde foram levados diretamente para as suas cabinas enquanto um carregador lhes recolhia a bagagem e a levava atrás deles.

Uma hora depois, o *Condessa de Harcourt* deixou o porto.

Robin foi colocado no seu beliche com um cobertor grosso enrolado em volta dos ombros e teria ficado ali o dia todo, contente, mas a Sra. Piper insistiu para que ele voltasse ao convés para observar a costa a afastar-se. Ele sentiu uma dor aguda no peito enquanto Cantão desaparecia no horizonte e depois uma sensação de vazio completo, como se um gancho lhe tivesse arrancado o coração do corpo. Não tinha percebido, até agora, que não voltaria a pisar o chão da sua terra natal durante muitos anos, se é que alguma vez voltaria. Não tinha a certeza do que pensar sobre esse facto. A palavra *perda* era desadequada. Perda

significava simplesmente uma falta, significava que algo tinha desaparecido, mas não abrangia a totalidade desta separação, este desancorar aterrorizante de tudo o que alguma vez tinha conhecido.

Ele observou o oceano durante bastante tempo, indiferente ao vento, olhando até mesmo a sua visão imaginária da costa ter desaparecido.

Passou os primeiros dias da viagem a dormir. Ainda estava a recuperar; a Sra. Piper insistia que ele desse passeios diários pelo convés para melhorar a sua saúde, mas no início ele só conseguia lá ficar alguns minutos de cada vez antes de ter de se deitar. Teve a sorte de ser poupado à náusea dos enjoos; uma infância passada ao longo de docas e rios habituara os seus sentidos à instabilidade encrespada. Quando se sentiu forte o suficiente para passar tardes inteiras no convés, adorava ficar sentado junto da amurada, a observar as ondas incessantes mudarem de cor com o céu e sentindo o mar borrifar-lhe o rosto.

Ocasionalmente, o Professor Lovell conversava com ele enquanto caminhavam juntos pelo convés. Robin aprendeu rapidamente que o professor era um homem preciso e reticente. Oferecia informações quando achava que Robin precisava delas, mas, tirando isso, sentia-se satisfeito por ignorar as perguntas.

Disse a Robin que iriam residir na sua propriedade em Hampstead quando chegassem a Inglaterra. Não disse se tinha família nessa propriedade. Confirmou que pagara a *Miss* Betty durante todos aqueles anos, mas não explicou porquê. Deu a entender que conhecera a mãe de Robin, que fora assim que soubera a morada de Robin, mas não ofereceu pormenores sobre a natureza do seu relacionamento ou como se tinham conhecido. A única vez que aludiu a esse conhecimento anterior foi quando perguntou a Robin como é que a sua família fora morar naquela barraca à beira do rio.

— Eram uma família de comerciantes abastados quando os conheci — disse ele. — Tinham uma propriedade em Pequim antes de se mudarem para sul. Que aconteceu, foi o jogo? Acho que foi o irmão, não foi?

Meses antes, Robin teria cuspido em qualquer um por falar de modo tão cruel sobre a sua família. Mas aqui, sozinho, no meio do oceano, sem parentes nem nada em seu nome, não conseguia invocar a ira necessária. Já não tinha fogo algum dentro si. Estava apenas assustado e muito cansado.

Em todo o caso, tudo aquilo estava de acordo com o que Robin tinha ouvido sobre a riqueza anterior da sua família, a qual tinha sido

totalmente desperdiçada nos anos após o seu nascimento. A sua mãe queixava-se amargamente disso e com frequência. Robin não conhecia bem os pormenores, mas a história envolvia os mesmos elementos de tantos contos de declínio durante a dinastia Qing na China: um patriarca idoso, um filho perdulário, amigos maliciosos e manipuladores e uma filha indefesa com quem, por algum motivo misterioso, ninguém queria casar. Em tempos, disseram-lhe, ele dormira num berço lacado. Em tempos, eles tinham desfrutado de uma dúzia de criados e um *chef* que cozinhava iguarias raras importadas dos mercados do norte. Em tempos, eles tinham morado numa propriedade capaz de abrigar cinco famílias, com pavões a deambular pelo quintal. Mas tudo o que Robin conhecia era a casinha junto ao rio.

— A minha mãe disse que o meu tio perdeu o dinheiro todo nas casas de ópio — disse-lhe Robin. — Os credores confiscaram-lhes os bens e tivemos de nos mudar. Depois, o meu tio desapareceu quando eu tinha três anos e ficámos apenas nós, as minhas tias e os meus avós. E *Miss* Betty.

O Professor Lovell fez um murmúrio evasivo de solidariedade.

— Isso é péssimo.

Além dessas conversas, o professor passava a maior parte do dia enfiado na sua cabina. Eles viam-no apenas de vez em quando no refeitório ao jantar; na maioria das vezes, a Sra. Piper tinha de encher um prato com biscoitos de água e sal e carne de porco seca e levá-lo até ao quarto dele.

— Ele está a trabalhar nas suas traduções — disse a Sra. Piper a Robin. — Está sempre a arranjar pergaminhos e livros antigos nestas viagens, sabes, e gosta de começar a traduzi-los para o inglês antes de voltar para Londres. Eles mantêm-no muito ocupado lá; ele é um homem muito importante, um membro da Real Sociedade Asiática, sabes, e ele diz que as viagens marítimas são a única altura em que ele consegue ter paz e sossego. Não é engraçado? Ele comprou uns belos dicionários de rimas em Macau, umas coisas lindas, embora ele não me deixe tocar-lhes por as páginas serem tão frágeis.

Robin ficou surpreendido ao saber que eles tinham estado em Macau. Ele não ouvira falar de nenhuma viagem a Macau; ingenuamente, imaginara que era a única razão pela qual o Professor Lovell tinha vindo à China.

— Quanto tempo é que estiveram lá? Em Macau, quero dizer.

— Oh, duas semanas e pouco. Eram para ser apenas duas, mas ficámos retidos na alfândega. Eles não gostam de receber mulheres estrangeiras no continente; tive de me mascarar e fingir ser o tio do professor, consegues imaginar?

Duas semanas.

Há duas semanas, a mãe de Robin ainda estava viva.

— Estás bem, querido? — A Sra. Piper afagou-lhe o cabelo. — Pareces pálido.

Robin assentiu e engoliu as palavras que sabia que não poderia dizer.

Não tinha o direito de ficar ressentido. O Professor Lovell tinha-lhe prometido tudo e não lhe devia nada. Robin ainda não compreendia totalmente as regras do mundo em que estava prestes a entrar, mas compreendia a necessidade de gratidão. De deferência. Ninguém desprezava os seus salvadores.

— A senhora quer que eu leve este prato ao professor? — perguntou ele.

— Obrigada, querido. É muito simpático da tua parte. Vem ter comigo ao convés depois para vermos o pôr do sol.

O tempo desvaneceu-se. O Sol nascia e punha-se, mas sem a regularidade da rotina — ele não tinha tarefas, nenhuma água para ir buscar ou recados para fazer — e os dias pareciam todos iguais, independentemente da hora. Robin dormia, relia os seus livros antigos e passeava pelo convés. Ocasionalmente, metia conversa com os outros passageiros, que pareciam sempre encantados por ouvirem um sotaque londrino quase perfeito na boca deste rapazinho oriental. Recordando as palavras do Professor Lovell, ele esforçou-se muito para viver exclusivamente em inglês. Quando lhe surgiam pensamentos em chinês, ele apagava-os.

Apagou também as suas memórias. A sua vida em Cantão — a mãe, os avós, uma década de corridas pelas docas — tudo se revelou ser surpreendentemente fácil de esquecer, talvez porque esta passagem fosse tão chocante, uma rutura completa. Ele tinha deixado para trás tudo o que conhecia. Não havia nada a que se agarrar, nada para onde fugir. O seu mundo agora era o Professor Lovell, a Sra. Piper e a promessa de um país do outro lado do oceano. Ele enterrou a sua vida passada, não porque fosse terrível, mas porque abandoná-la era a única maneira de sobreviver. Vestiu o seu sotaque inglês como se fosse um casaco novo,

ajustou tudo o que pôde em si mesmo para que ele lhe servisse e, em poucas semanas, usava-o com conforto. Em poucas semanas, deixaram de lhe pedir que dissesse algumas palavras em chinês para os entreter. Em poucas semanas, ninguém se parecia lembrar de que ele era chinês.

Certa manhã, a Sra. Piper acordou-o bem cedo. Ele fez alguns sons de protesto, mas ela insistiu.

— Anda, querido, não vais querer perder isto.

Bocejando, ele vestiu um casaco. Ainda estava a esfregar os olhos quando subiram ao convés. Era uma manhã fria envolta numa névoa tão espessa que Robin mal conseguia ver a proa do navio. Mas, então, a névoa dissipou-se e uma silhueta cinzento-escura emergiu no horizonte. Esse foi o primeiro vislumbre que Robin teve de Londres: a Cidade de Prata, o coração do Império Britânico e, naquela época, a maior e mais rica cidade do mundo.